

DA CONTRIBUIÇÃO DA MODERNA DIVISÃO DO TRABALHO PARA E NA FORMAÇÃO DE UMA TEORIA CIENTÍFICA

Renato Nunes ¹

(...) pois para a Teoria Crítica não se trata apenas dos fins tais como são apresentados pelas formas de vida vigentes, mas dos homens com todas suas possibilidades. Ela não almeja de forma alguma apenas uma mera aplicação do saber, ela intenciona emancipar o homem de uma situação escravizadora".²

Pretende-se, com esse texto, em princípio, analisar como Max Horkheimer compreende a importância da moderna divisão do trabalho para e na formação de uma teoria crítica. Tal empresa exigirá uma atenção especial, uma vez que o ensaio que aqui será utilizado, *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, elaborado na década de 30³, é um ensaio, a exemplo de muitos outros do mesmo autor, ou mesmo em parceria com Theodor W. Adorno, que se caracteriza pela "falta". É um ensaio que pode ser lido tanto nas linhas quanto nas entrelinhas, senão mais nestas do que naquelas.

Assim, para fazer jus à temática, num primeiro momento busca-se compreender os postulados que diferenciam a Teoria Tradicional da Teoria Crítica. Esta análise não limitar-se-á somente ao ensaio supra-citado. É de importância ímpar um outro texto do mesmo autor que, a nosso ver, complementa, e sobretudo explicita aquele, qual seja, *Filosofia e Teoria Crítica*.

Feita esta distinção, o segundo momento está reservado para o assunto próprio que motivará as páginas restantes, ou ainda, a preocupação para com o entendimento da contribuição da divisão moderna do trabalho na elaboração de uma teoria que seja científica.

¹ Professor do departamento de Ciências Humanas da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

² HORKHEIMER, Max. *Filosofia e Teoria Crítica*. 5.ed. 1991. p.70. (Col. Pensadores).

³ 1937, para ser mais preciso. Ano em que Horkheimer encontrava-se no exílio norte-americano em função da tomada de poder pelos Nazistas na Alemanha.

1 DA DISTINÇÃO ENTRE TEORIA TRADICIONAL E TEORIA CRÍTICA

Horkheimer no ensaio *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* consegue mesclar tipos muito diferentes de teorias sob a denominação de “tradicional”. Trabalhar com a Teoria Crítica é trabalhar com as objeções contrárias a este tipo de mescla. O que o autor faz é salientar o idêntico na diferença; pois enquanto na Teoria Tradicional o processo social é visto como externo à formulação do conhecimento, na Teoria Crítica esse mesmo processo social deve ser entendido como pertencente ao processo do conhecimento. Assim é que, combatendo tanto o Idealismo quanto o Materialismo vulgar, o autor salienta a duplicidade do aspecto interior-exterior da teoria; uma vez que ao criar o conceito “teoria tradicional” ele supõe tal duplicidade. É por isso que o conceito “teoria tradicional” surge da consciência do conceito de “teoria crítica”, ou ainda, só a Crítica pode criar a Tradicional. Esta não foi concebida/elaborada com a intenção explícita de ser tal. Foi elaborada, isto sim, para dar conta de um determinado momento histórico; e só se transformou em Tradicional pelos olhos da Crítica. Não pode ser esquecido aqui, sobretudo, o fato de que qualquer teoria, ao levantar os fatos, agrupando-os e estudando-os, torna-se Tradicional. Assim ao se falar da Teoria Tradicional se expressa, embora que de forma implícita, a Teoria Crítica. O envolvimento destes dois conceitos é um envolvimento dialético, pois ao expressar a teoria Tradicional, a Teoria crítica se auto-expressa, uma vez que esta forma a auto-reflexão daquela.

É assim que entendemos, segundo o texto em estudos, que a teoria Tradicional só é do jeito que é, só se apresenta do modo que se apresenta, pela visão da Teoria Crítica. Na verdade, a Tradicional contém em si a pretensão da auto-reflexão. No entanto, esta auto-reflexão não cumpre seu próprio conceito, negligenciando, por este motivo, o ponto e o momento em que tal teoria se encontra. A Crítica, por outro lado, formula um novo modelo de pensar. Um modelo que dá-se a partir das velhas pretensões da Tradicional, uma vez que foi esta quem forjou a representação da auto-reflexão, bem como da autonomia, como essenciais. Apenas pretendeu. Quem de fato e de vez assumiu tal pretensão, separando o assumir do pretender, foi a Crítica. É por isso que a Tradicional exige a presença da Crítica, mas não pode garantir seu surgimento. A espontaneidade da passagem da primeira para a segunda pode culminar na constatação de que os indivíduos não querem passar de uma à outra. Ou ainda, embora a Teoria Crítica pretenda seu próprio sucesso, este não depende só e somente desta pretensão. Sabe ela que não pode, e sobretudo não deve, ser possuidora da palavra última, ser detentora incontestada da razão. Ela tem, e principalmente deve, ser auto-crítica. Ela quer e precisa ser refutável, dado que

isto faz parte de seu próprio movimento interno; ou seja, sua crítica. Ou ainda: para querer ser crítica, ela deve ser crítica de si mesma. Ser auto-crítica. É neste sentido que Horkheimer escreve: “Aquela identificação (referindo-se à comparação da sociedade com processos naturais extra-humanos - parênteses nosso), é, portanto, contraditória; pois encerra em si uma contradição que caracteriza todos os conceitos da maneira crítica de pensar”⁴. Percebe-se, neste pequeno extrato, a duplicidade do pensamento crítico. Assim, qualquer teoria que tencione trabalhar ativamente não tem como fundamentar-se a si mesma sem considerar a constituição objetiva da sociedade. Ela não tem meios de fugir da objetivação da sociedade, e é por isto mesmo que o pensamento crítico passa a ser contradição consciente. Por outro lado, a própria teoria como comportamento social participa das contradições da sociedade vigente; por outro lado, enquanto auto-consciência destas contradições, a teoria realiza a única possibilidade de ir além das contradições. Assim, se a Teoria Crítica tem por pretensão de consistência teórica livrar-se das contradições, deve saber também que para realizar esta pretensão, a própria teoria tem de dar-se conta que se desenvolve dentro de uma sociedade que por si só já é contraditória, o que é o contrário do que pretende. Assim, e agora, uma questão faz-se reclamar: afinal, onde fica a Teoria Crítica na sociedade vigente? Provisoriamente poderíamos responder da seguinte forma: nem fora e nem dentro da sociedade, exclusivamente. Ela está sempre num fora e num dentro, concomitantemente. Esta simultaneidade pertence ao próprio comportamento crítico.

Outro aspecto a ser salientado quanto à distinção entre estas duas Teorias, é o de que, enquanto a primeira considera natural e necessária a separação indivíduo/sociedade para garantir os padrões científicos e as relações sociais, a segunda, a Crítica, tende a eliminar tal separação. Esta separação decorre do dualismo interior/exterior - ou dentro/fora - que comanda a relação sujeito/sociedade, material/métodos, ou mesmo do próprio sujeito consigo mesmo. Isto, contudo, não quer dizer que a Teoria Tradicional não reconheça o valor da Ciência, mas sim, que o cientista pertencente a esta corrente tem que conceber e classificar os fatos em ordens conceituais. Desta forma os fatos, ou seja, a matéria-prima para a formulação de uma teoria, vêm de fora, como em qualquer situação outra da divisão do trabalho, ao passo que a autonomia dos processos de trabalho vem da essência interior do próprio objeto.

Isto posto, pergunta-se então: qual a diferença, para Horkheimer, entre Teoria Tradicional e Teoria Crítica? Basicamente são duas. E é ele mesmo quem responde:

⁴ HORKHEIMER, M. *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.p. 44.

a) a primeira delas refere-se às suas fundamentações. Enquanto a Tradicional está fundamentada, basicamente, no *Discurso do Método*, de R. Descartes; a Crítica deve sua razão de ser à *Crítica da Economia Política*, de K. Marx. Assim temos: “A teoria em sentido tradicional, cartesiano, organiza a experiência à base de questões que surgem em conexão com a reprodução da vida dentro da sociedade atual, e os sistemas das disciplinas contêm os conhecimentos de tal forma que podem ser aplicáveis ao maior número possível de ocasiões(...). A teoria em sentido crítico, tem como objeto os homens enquanto produtores de todas as suas formas históricas de vida”⁵.

b) A segunda diferença refere-se aos fins. Aqui, “enquanto a formulação de teorias em sentido tradicional constitui uma profissão da sociedade dada, delimitada por outras atividades científicas, e não precisa se preocupar em saber nem das tendências nem das metas históricas com as quais estas teorias estão entrelaçadas, a Teoria Crítica, ao contrário, na formulação de suas categorias, segue conscientemente o interesse por uma organização racional da atividade humana(...), ela não é uma hipótese qualquer de trabalho que se mostra útil para o funcionamento do sistema dominante, mas sim um momento inseparável do esforço histórico de criar um mundo que satisfaça às necessidades e forças humanas; ou de forma alguma apenas uma mera ampliação do saber, ela intenciona emancipar o homem de uma situação escravizadora”⁶. Ou, como deixa transparecer em outra passagem: “A Teoria crítica não tem, apesar de toda sua profunda compreensão dos passos isolados e da conformidade de seus elementos com as Teorias Tradicionais mais avançadas, nenhuma instância específica para si, a não ser os interesses ligados à própria Teoria Crítica de suprir a dominação de classe (ou a injustiça social)”⁷.

2 DA IMPORTÂNCIA DA MODERNA DIVISÃO DO TRABALHO PARA FORMAÇÃO DE UMA TEORIA CIENTÍFICA

Feita a distinção, embora sucinta, entre Teoria Tradicional e Teoria Crítica, desenvolve-se, agora, a temática propriamente dita. Sabido é que a divisão do trabalho, historicamente falando, configurou-se e concretizou-se de forma definitiva com a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII e que espalhou-se rapidamente pelo mundo todo - ou quase isto

⁵ HORKHEIMER, M. *Filosofia e Teoria Crítica*. 5.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 69.

⁶ HORKHEIMER, M. id. p. 70.

⁷ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 68.

- se considerarmos que ainda hoje, decorridos dois séculos do advento da máquina a vapor, ainda existem populações que desconhecem o “mundo das máquinas”, que desconhecem os termos “técnica”, “ciência”... Embora a divisão do trabalho tenha se consolidado com a Revolução Industrial, desde sempre existiu entre os homens uma divisão de tarefas. Embora incipiente, esta parece ser a verdadeira gênese da moderna divisão do trabalho. Senão vejamos. Desde a Era Tribal, onde o homem apenas “trabalhava” para alimentar-se, havia no interior das tribos uma clara distinção de tarefas. Assim, enquanto uma determinada parcela populacional da tribo estava encarregada de sua defesa e conquista dos suprimentos necessários para a sobrevivência diária, outra parcela destinava-se à confecção dos agasalhos e na preparação dos alimentos; bem como, com o passar do tempo, com o cultivo de cereais nas proximidades dos acampamentos; isso sem contar com os destinados apenas a comandar as diferentes tarefas, econômicas e/ou religiosas.

O texto de Horkheimer⁸ não faz referências a estas divisões. Sua preocupação está no fato de como a moderna divisão do trabalho contribui para a formação de uma teoria científica. É por isso que, para ele, “para se trabalhar a natureza física - o que aqui pode ser entendido como mundo material - requer-se a informação do material do saber”⁹. Ou seja, para se poder trabalhar com o concreto, com o mundo físico-material, faz-se necessário o não-material, o abstrato, a teoria. É assim que “o saber vigente é aplicado aos fatos”¹⁰. Assim, os fatos, ao receberem a influência de tal saber, deixam de ser os fatos primeiros, enquanto tais, e passam a ter uma conotação diferente, teorizada; e, deste modo, mais exata, mais própria ao seu momento histórico. Contudo, ao se modificarem (ou ao receberem significado novo pela influência do saber) modificam aquele também, uma vez que a relação fato-saber-fato é recíproca. O fato altera o saber, que por sua vez altera o fato, que novamente alterará saber, e assim sucessivamente. Um recebe a influência do outro modificando-se; mas, por sua vez, modifica aquele a partir de sua modificação. É neste sentido que o autor afirma: “na medida em que o conceito da teoria é independentizado, ou seja, isolado, tornado sozinho em relação aos fatos, ou possuindo uma fundamentação a-histórica - e por isto de validade universal - ele se transforma numa categoria coisificada, ideológica”¹¹. Esta é a razão da utilização de conceitos e teorias como sendo impossíveis de modificações/alterações. É o caso, por exemplo, dos

⁸ Refiro-me, aqui, ao texto *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*.

⁹ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 35.

¹⁰ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 35.

¹¹ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 35.

conceitos de teoria, justo, bom, doutrina, ou do próprio conceito de conceito. E isto acontece, sobretudo, porque esqueceu-se de que não possuem validade incondicional, e sim que são frutos de um determinado momento histórico, com suas infinitas implicâncias e determinações. Determinações estas que à luz da modernidade podem se tornar obsoletas. Assim, “a modificação do conhecimento existente, com sua aplicação aos fatos, é uma determinação que não tem origem em elementos puramente lógicos ou metodológicos, mas só pode ser compreendido em conexão com os processos sociais reais”¹². Isto posto, “não é só para teorias extensas, como o Sistema Copernicano, que a mudança da estrutura científica depende da respectiva situação social: isto se faz presente também nos problemas especiais da pesquisa cotidiana”¹³. Percebe-se, por aqui, que para que seja alterada uma estrutura científica - entendida como teoria - há que se alterar o meio onde tal estrutura foi engendrada, sua respectiva situação social. No entanto isso só se torna possível se uma nova teoria, uma nova estrutura científica, for criada para alterar aquele meio. E se isso fosse possível, onde ela estaria assentada? Qual o meio que favoreceria o desenvolvimento de uma estrutura científica com o fim único de alterar o meio sob o qual foi erigida esta primeira estrutura?

Horkheimer resolve esta situação dizendo-nos que, neste momento, “os epistemólogos costumam, neste caso, recorrer a um conceito aparentemente imanente à sua ciência - o conceito de conveniência”¹⁴. É por isso que “tanto quanto a influência do material sobre a teoria, a aplicação da teoria ao material não é apenas um processo intracientífico, mas também um processo social, pois a relação entre hipóteses e fatos - ou teorias e fatos - não se realiza na cabeça dos cientistas, mas na indústria”¹⁵. E tanto isto é verdade que uma das principais funções do cientista social é a de ser um prático representante teórico de seu tempo. “Ele e sua ciência estão atrelados ao aparelho social”¹⁶. Pode-se inferir daqui, pois, que o cientista e sua ciência, além de serem representantes de seu tempo, e por este motivo estarem atrelados ao aparelho social, a própria divisão social do trabalho irá ditar, em instância última, como ele deverá se comportar, e, por conseqüência, sua teoria também. É dentro desta divisão social que sua tarefa torna-se pragmática, ou seja, “deve ele cenceber e classificar os fatos em ordens conceituais e dispô-los de tal forma que ele mesmo, e todos os que devem

¹² HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 35.

¹³ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 36.

¹⁴ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 36.

¹⁵ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 36.

¹⁶ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 36.

utilizá-los, possam dominá-los o mais amplamente possível”¹⁷.

A compreensão do mundo para um membro da burguesia nada mais é do que um resumo de faticidade, e que por assim o ser, deve unicamente ser aceito. No entanto, e para Horkheimer, entre este indivíduo que compreende o mundo como faticidade unicamente, e a sociedade como um todo, existe uma grande e essencial diferença. Se por um lado (para o indivíduo burguês) o mundo apenas deve ser entendido em sua estruturação já dada, pronta; por outro (para o cientista social), ele é produto da práxis social¹⁸. Ou seja, com a moderna divisão social do trabalho e a conseqüente fragmentação da ciência, aquele e esta em seus ramos isolados, passaram a compreender a totalidade da realidade não mais como total, mas sim a realidade total passou a ser exclusivamente o campo específico com que se preocupavam. É por isto que se faz necessária a passagem de uma concepção de ciência, e por conseqüência de teoria também, que, em primeiro plano, elimine a parcialidade.

É assim que percebemos uma espécie de dualismo entre os indivíduos e a sociedade. Digo espécie por que não parece ser um dualismo pleno. Ao passo que os indivíduos percebem a sociedade (e todas as suas relações) como algo produzido pela força de trabalho, esquece que ele, enquanto indivíduo e sujeito, é parte e também fruto de tal sociedade. Ou seja, ao mesmo tempo em que colabora com sua participação, ou sua não-participação, para o enobrecimento da sociedade através de sua força de trabalho, colabora para seu próprio progresso. Ne entanto, e muitas vezes, em sua unicidade individual não consegue perceber-se como fruto não só da sociedade, mas também e sobretudo de si mesmo. Assim é que, por pertencer à categoria dos humanos, e estes estarem agrupados em sociedades, sou co-responsável por esta categoria, mas sobretudo, sou responsável direto por mim mesmo. Penso que é neste sentido que Horkheimer diz que “o ser humano, no momento da percepção, se autopercebe como perceptivo e passivo”¹⁹. Perceptivo porque consegue perceber-se como membro componente de um grupo social, e passivo porque ao mesmo tempo em que influencia este grupo a que pertence, inconscientemente, recebe dele influências também; as quais irão interferir em seu modo de agir sobre aquele.

“Esta oposição entre passividade e atividade válida para o indivíduo, não o é para a sociedade na mesma medida”²⁰. Há que se entender, aqui, que a

¹⁷ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 37.

¹⁸ Práxis esta que Horkheimer já havia assinalado quando tratou da “necessidade de se passar de uma concepção que elimine a parcialidade que resulta necessariamente do fato de retirar os processos parciais da totalidade da práxis social” (op. cit., p. 38).

¹⁹ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 39.

²⁰ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 39.

sociedade só é uma sociedade na medida em que é formada por uma coletividade de indivíduos que, explícita ou implicitamente, se propõem os mesmos fins. Se cada qual pudesse retirar da sociedade, do coletivo, sua individualidade, sua "eudade", o que restaria? Não pode existir o coletivo sem uma soma justaposta de individualidades. Individualidades estas que no momento em que estão motivadas por um princípio mais abrangente e mais soberano, subsumem-se na coletividade. Aí já não mais existem individualidades isoladas, mas sim um conjunto de indivíduos motivados por um fim comum; e é este fim comum que faz desaparecer a vontade própria individualizada, deixando, assim, transparecer o sentimento de coletividade. É o caso, por exemplo, de um acidente; onde todos os presentes deixam suas tarefas imediatas e individualizadas e passam a agir em função e em prol de um desconhecido.

Mas, onde reside, então, o saber aplicado e produzido pelos membros de uma sociedade? Ele pertence aos indivíduos ou à sociedade que contém em si tais indivíduos? A estas questões Horkheimer assim responde: "o saber aplicado e disponível pertence sempre à práxis social"²¹. Ou ainda, todo o saber dos indivíduos que compõem uma sociedade é fruto recíproco de ambos. Assim é que ao percebermos qualquer fato, ele já está impregnado dos conceitos sociais. Ele não se apresenta em sua pureza conceptual, mas sim mascarado por conceitos - ou pré-conceitos - que muitas vezes são ideológicos.

Voltando à questão de como a moderna divisão do trabalho contribui para a formação de uma teoria científica, uma passagem do texto em estudos é esclarecedora: "a maneira pela qual as partes são separadas ou reunidas na observação registradora, o modo pelo qual algumas passam despercebidas e outras são destacadas, é igualmente resultado do moderno modo de produção, assim como a percepção de um homem de uma tribo qualquer de caçadores ou pescadores primitivos é resultado de suas condições de existência, e, portanto, indubitavelmente, também do objeto"²².

Assim sendo, se este modo de produção moderno seleciona aspectos da realidade com os quais trabalhará, é sinal de que nem tudo o que existe lhe interessa. E mais do que isto, que o conhecimento que porventura advirá destes aspectos pré-selecionados, é um conhecimento já ideologizado, ou seja, está a serviço de interesses, pois foi previamente escolhido este e não outro ou todos os aspectos da realidade a ser estudada. Assim, este conhecimento contribuirá, senão em sua totalidade ao menos em partes, para a formação de uma teoria científica. Por outra via, se não se houvesse escolhido senão alguns aspectos, mas

²¹ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 39.

²² HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 40.

sim toda ela fosse motivo de análise e estudos, também não se estaria contribuindo para a formação de uma teoria científica?

Para resolver este problema nosso autor escreve: "sendo a sociedade dividida em classes e grupos, compreende-se que as construções teóricas mantêm relações diferentes com esta práxis social, conforme sua filiação a um destes grupos ou classes"²³. Pois bem, se a nível macro, divisão das classes corresponde uma divisão do saber, quanto mais isto se fará presente em nível menor, ou seja, a nível não mais de divisão de classes, mas a nível da divisão do trabalho. E a esta divisão do trabalho corresponderá, indubitavelmente, uma divisão do saber, e esta, por sua vez, contribuirá decisivamente para a formação de uma ciência, a qual contribuirá para a formação de uma teoria científica.

Assim, e para simplificar, poderíamos dizer que foi com a moderna divisão do trabalho que os cientistas sociais tiveram que adequar suas teorias às novas exigências surgidas com aquela divisão. Poder-se-ia mesmo dizer que sem a divisão do trabalho a tarefa dos cientistas em elaborar uma teoria científica seria por demais fatigante, ou quem sabe, até mesmo impossível, dado que cada qual deveria pensar todo o processo. Agora, com a divisão, com a especialização, cada qual pensa apenas uma parte. Parte esta que somando-se às demais e por outros cientistas pensadas, forma uma totalidade mais abrangente e mais precisa do que se cada qual pensasse esta totalidade sozinho. Assim, a exemplo da moderna divisão do trabalho, e em função desta, ocorreu concomitantemente, uma divisão mais precisa nos campos da ciência. A diferença básica está em que enquanto a divisão do trabalho é um fim em si mesmo, a divisão da ciência não o pode ser. Ou seja, os diferentes ramos da ciência encontram-se, cada qual, interessados em seus aspectos específicos, mas, é só e somente com a junção deles que se pode ter ou formar uma teoria científica. E a exemplo desta que, para constituir um objeto deve reunir as diferentes peças componíveis, para poder fundar uma teoria científica também deve-se reunir os diferentes ramos componentes da Ciência. É assim que a divisão moderna do trabalho propiciou e inspirou a criação de uma concepção pragmática de Ciência. A Teoria Crítica não pode ser pensada como uma teoria morta, mas sim como presente na sociedade e, principalmente, que faz pensar determinadas circunstâncias. Circunstâncias que não podem ser esquecidas por um pensar crítico.

A Teoria Crítica não pretende introduzir novas categorias filosóficas, muito menos terminologias, métodos ou sistemas. Prefere utilizar-se das conquistas filosóficas tradicionais a fim de "acabar com toda filosofia". Isto pode parecer um paradoxo, mas ele é devido ao estado paradoxal do mundo

²³ HORKHEIMER, M. *Teoria...*, p. 42.

moderno. Ele é a resposta a este estado contraditório. O mundo moderno chegou ao esclarecimento, à Revolução Industrial, capaz de tirar do homem a quase totalidade de seus sofrimentos em função do trabalho. Mesmo assim não modificou adequadamente este homem. A dinâmica do mundo moderno, ao desdobrar as possibilidades do mundo numa maior facilidade, não facilitou a vida da maioria dos homens. Não adianta o mero aumento da técnica, mas sim o "deixar de sofrer" da maioria da humanidade. Isto atinge também a Filosofia. Na medida em que a Ciência e a Técnica evoluem, a Filosofia perde seu espaço, sua visão abrangente de mundo, passando a assumir sua parcialidade em conjunto com as demais ciências também parciais. Filosofia é a sua época compreendida pelo pensamento. A tentativa de compreender a época atual deve contemplar o fato de que a Filosofia tornou-se insuficiente. Com essa insuficiência filosófica toda teoria também deixa a desejar.

A teoria sempre possui uma dupla função. É prática e não-prática, pois é teoria. Ela nunca é independente, autárquica. Chega à independência só quando se dá conta de sua dependência do conjunto social. Contribui para o esclarecimento só enquanto enfrenta a constelação de forças materiais e intelectuais da qual faz parte. É esta constelação que compõem a irracionalidade da sociedade moderna. É por isso que a Teoria Crítica pode também ser definida como "teoria da crise moderna", ou seja, auto-reflexão da crise. Crise esta que pode ser econômica, e que, paradoxalmente, é causada pela riqueza, ou melhor, pela má distribuição da riqueza. É esta, bem como sua produção, que conduz à pobreza, ao fracasso das empresas, ao desemprego... É por produzir demais que a sociedade tem de menos. A produção dos bens não é motivada pela necessidade dos indivíduos; e sim as necessidades é que são motivadas pela produção dos bens, pela produção das mercadorias. Este modo de produção é que é a irracionalidade da sociedade. É ele o centro da crise econômica da sociedade capitalista.

O agravamento da crise real em todas as esferas da sociedade (ciência, cultura, economia, trabalho...) exige um conceito mais profundo e mais desenvolvido da própria crise. Assim, o fato de estarmos "acostumados" ao fenômeno "crise", considerando-o como natural, revela, nada mais e nada menos do que a crise de entendimento do próprio fenômeno "crise". E por assim o ser, negamo-nos à busca de possibilidades outras. Para poder ultrapassar esta crise, necessário é bem compreendê-la.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - BRUGGER, W. *Dicionário de Filosofia*. 4.ed. São Paulo: EPU, 1987.
- 2 - HORKHEIMER, M. *Teoria Crítica I*. São Paulo: EDUSP/Perspectiva, 1990.
- 3 - _____. *Origens da Filosofia Burguesa da História*. Lisboa: Presença, 1984.
- 4 - HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- 5 - _____. *Temas Básicos de Sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.